



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	A Semiótica da Multidão
Autor	SUELEM LOPES DE FREITAS
Orientador	ALEXANDRE ROCHA DA SILVA

O texto *A semiótica da multidão* é um subprojeto da pesquisa *Semiótica Crítica: por uma teoria das materialidades da comunicação*, que tem como objetivo identificar a passagem de uma semiótica formal para uma semiótica política. Para tanto, recupera o conceito de multidão desenvolvido por Antonio Negri e Michael Hardt para analisar o ciclo de protestos havidos no Brasil em junho de 2013. Propõe-se apresentar aspectos que estão ligados às materialidades dessa multidão.

Metodologicamente, a pesquisa parte das observações de diferentes agentes sociais que tentaram compreender esses protestos para chegar aos agenciamentos molares e moleculares implicados. Grande parte dessas interpretações, que vinham de instituições tradicionais como o Estado, a mídia e os partidos políticos, ora defendiam que os protestos deveriam ter objetivos e lideranças definidas ora acusavam os manifestantes de baderneiros reunidos para praticar vandalismo.

Entretanto, a tese aqui defendida é diferente. A multidão não é um fenômeno a ser entendido no interior de um sistema que tenta formalizar o novo em modelos pré-existentes. Nas obras *Império e Multidão*, Antonio Negri e Michael Hardt apresentam a multidão como um conjunto de singularidades que não podem ser enquadradas em algo uniforme e identitário. A multidão implica uma diferença cuja condição é produzir diferenças. São múltiplos costumes, etnias, desejos, gêneros, pensamentos, paixões, formas de trabalho, formas de viver. A multidão é uma multiplicidade. Ela é uma rede aberta que está em movimento constante.

Para Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs*, as políticas podem ser molares ou moleculares. A ordem molar diz respeito às estratificações que demarcam limites para os objetos, sujeitos, representações e seus referenciais, são classes ou segmentos de organização binária, como partidos, família, sexo; já na ordem molecular estão os devires, os fluxos, é onde se encontram as mudanças de intensidades. Ordens molares e moleculares coexistem nas lutas sociais.

O processo de globalização viabilizou uma série de mudanças nas formas de organização das forças produtivas. Hoje, a exploração do trabalho vai para fora das fábricas: o setor industrial cedeu lugar à área de serviços, onde prevalece o trabalho imaterial, que constrói a metrópole. Essa nova ordem suscitou diferentes demandas que não pertenciam mais a classes sociais determinadas, essas classes acabaram por se diluir. Assim foram as condições materiais e históricas que possibilitaram aflorar novas demandas sociais na multidão.

Nas manifestações de junho de 2013 no Brasil, a multidão emergiu através da ordem molecular, imanente, diagramatizando diferentes ordens de desejos: sociais, políticos, econômicos, sexuais, afetivos, estéticos. Ali, se apresentava outra forma de reivindicação, avessa à ideia de representação; evidenciava-se o aspecto incomensurável da multidão, capaz de fazer passar diferentes forças, inclusive contraditórias entre si, como os devires revolucionários ou fascistas.

É nesta direção que procuramos nesta pesquisa refletir semioticamente, fundamentados nas teorias pós-estruturalistas de Deleuze, Guattari, Negri e Hardt, sobre a natureza material dos protestos e suas modalidades comunicativas.